

“O Brasil dilmou!”: formação e funcionamento semântico-enunciativo de um verbo denominativo derivado de nome próprio de pessoa

Anderson Braga do Carmo

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil
andersonbdocarmo@hotmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i1.580>

Resumo

Objetivamos compreender a formação e o funcionamento semântico-enunciativo dos sentidos do item lexical “dilmou”, analisando textualidades de meio eletrônico cujas publicações tenham acontecido no período de eleições para a presidência do Brasil em 2014. Para a realização desta pesquisa, consideraremos os pressupostos teóricos metodológicos das abordagens enunciativas de Benveniste (2006[1974]) e Guimarães (2002). Buscamos contribuir com uma reflexão sobre o processo de formação de verbos denominativos derivados de nome próprio de pessoa, enfatizando o percurso eponímico que fomenta este tipo de derivação, bem como demonstrar que uma análise da significação é sempre uma análise das relações, nas quais o que nos interessa observar é o funcionamento de diferentes variáveis de sentido, o que só pode ser evidenciado no exercício da linguagem e na produção do discurso.

Palavras-chave: semântica enunciativa; dilmou; derivação.

“O Brasil dilmou!”: formation and semantic-enunciative functioning of a denominative verb derived from proper name

Abstract

We aim to understand the formation and the semantic-enunciative functioning of the meanings of the word “dilmou”, analyzing textualities of electronic media, whose publications have happened in the Brazilian presidential elections period in 2014. For this research, we will consider the theoretical-methodological tenets of enunciative approaches of Benveniste (2006[1974]) and Guimarães (2002). We search to contribute with a reflection on the formation process of denominative verbs derived from proper name, emphasizing the eponymy route that fosters this type of derivation and demonstrate that an analysis of meaning is always an analysis of relations, in which it is interesting to note the functioning of different variables of meaning, which can only be evidenced in the exercise of language and in the discourse production.

Keywords: enunciative semantics; *dilmou*; derivation.

Introdução

Para Benveniste (2006, p.252), “o aparelhamento mental consiste, em primeiro lugar, de um inventário de termos que arrolam, configuram ou analisam a realidade”, por conseguinte, todos os trajetos do pensamento são demarcados por termos que revivem progressos decisivos na língua por falantes de uma língua. Considerando uma mudança de situação, saindo do contexto científico cingido por Benveniste e adentrando

o cenário político e, mais especificamente, o das eleições para presidente do Brasil em outubro de 2014, vemos refletir na língua certas estruturas, formas lexicais, que foram inventariadas perante a necessidade do acontecimento e que, se decidiram ou não a eleição, no mínimo, por representarem o extremo de uma particularidade, nos delegaram um inventário próprio de palavras e de sentidos.

Sopesando isso, destacamos, dessa nomenclatura para a constituição deste ensaio, uma palavra frequentemente reproduzida neste contexto: “dilmár”. Compreendendo a variedade de itens derivados que foram arrolados nas eleições, dilmár procede a uma linha de formações análogas em outras eleições, como “jangar”, de Jango (João Goulart), “malufar”, de Paulo Maluf e “lular”, de Lula (Luís Inácio Lula da Silva), e que repercutiu concomitantemente nesta eleição com outras formações similares, como o “marinar”, derivado do nome da também candidata à presidência Marina Silva. Logo, vemos que a formação de verbos denominativos ou denominais envolvendo nome próprio de pessoa manifesta-se de forma bem produtiva em períodos eleitorais, visto que, depois de jangar e lular, na eleição de 2014 o Brasil dilmou.

Desse modo, o objetivo deste estudo é o de compreender e analisar a formação e o funcionamento semântico-enunciativo dos sentidos do item lexical “dilmár” veiculado em textualidades de meio eletrônico, como *blogs*, redes sociais e periódicos, buscando assim contribuir com uma reflexão sobre o processo de derivação em tela, ou seja, o processo de formação de verbos denominativos (ou denominais) derivados de nome próprio de pessoa.

Para a realização deste ensaio, consideramos majoritariamente os pressupostos teóricos metodológicos das abordagens enunciativas de Émile Benveniste, para quem a enunciação é o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (2006, p.82), e de Eduardo Guimarães, para quem “a enunciação, enquanto acontecimento de linguagem, se faz pelo funcionamento da língua” (2002, p.11). Articulando estas linhas de pensamento, estruturalista (Benveniste) e materialista (Guimarães), ver “como o sentido se forma em palavras” e observar a semantização da língua, esquadrinhando “os procedimentos pelos quais as formas linguísticas da enunciação se diversificam e se engendram” (BENVENISTE, 2006, p.82), foram aspectos centrais para a realização da pesquisa.

Então, atentando-se ao fato de que “toda forma verbal, sem exceção, em qualquer idioma que seja, está sempre ligada a um certo presente, portanto, a um conjunto cada vez único de circunstâncias que a língua enuncia numa morfologia específica” (BENVENISTE, 2006, p.230), verificamos como o verbo denominativo dilmár, e mais especificamente os empregos de sua forma, seus sentidos, manifestam-se em diversos textos circulados em mídia eletrônica durante as eleições de 2014. Visto que “o sentido a transmitir, ou se quiser, a mensagem é definida, delimitada, organizada por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, se determina em relação ao contexto de situação” (BENVENISTE, 2006, p.233).

No entanto, antes de iniciar nosso percurso de análise, dedicamos uma seção para esboçar algumas considerações gerais sobre este processo de formação, o que será a base que mobilizaremos em nossa análise.

Verbos denominativos derivados de nome próprio: algumas considerações

Em seu ensaio sobre “os verbos delocutivos” (2005[1958]), Benveniste faz algumas ponderações sobre o que seria um verbo denominativo. Para o linguista “um verbo se diz ‘denominativo’ se deriva de um nome” (2005, p.306). No caso de dilmar, portanto, o verbo se define em relação ao nome próprio de que se deriva, ou seja, dilmar deriva de Dilma, nome da atual presidenta do país e que estava concorrendo às eleições de 2014.

Para Benveniste, “são os recursos e a estrutura de cada sistema linguístico que decidem dessa possibilidade de derivação verbal, como de todas as outras.” (2005, p.312). Assim, ao acrescentar-se a flexão derivativa -a(r) ao substantivo Dilma, vemos que o verbo se forma segundo as normas precedidas pelo espaço de enunciação¹ da língua portuguesa, o que sustenta e permite a produção e o funcionamento da forma. Neste sentido, temos que, por uma questão de formação de sílaba, “dilmar”, bem como “marinar”, “lular” e “malufar” sejam aceitos como elementos linguísticos, e “aécio(ar)” e levy(ar), por exemplo, não.

Segundo Basílio e Martins (2002, p.390), “as melhores condições de produção para verbos denominais são para formações em que se adiciona o sufixo -a(r) para formar um verbo cujo significado corresponde a um processo verbal essencialmente definido por um substantivo enquanto tema do verbo formado”. Nesse sentido, no caso de verbos como dilmar, o nome próprio de pessoa assume um papel fundamental na formulação do verbo, no entanto, quais seriam as contribuições da forma de base para o verbo, e como se estabelece este percurso entre o nome e o verbo?

Para Bréal (2008, p.126), “os nomes próprios são os substantivos por excelência”, isso porque, quando comparados com os nomes comuns, tornam-se “os mais significativos de todos, sendo os mais individuais”. Nessa mesma direção, Guimarães (2002, p.41), ao tratar sobre o funcionamento semântico-enunciativo do nome próprio, nos diz que além de ele “identificar um indivíduo biológico enquanto indivíduo para o Estado e para a sociedade” (2002, p.36), no que se refere ao funcionamento referencial destes nomes, ele faz com que “não ha[ja] nenhuma distância que separe o nome de uma pessoa dessa mesma pessoa” (2002, p.41), o que ele denomina de “unicidade”, ou seja, há um procedimento de apagamento do locutor causado pelo processo de identificação social. Deste modo, um aspecto importante a observar foi se a presença desta unicidade, esta referencialidade do nome próprio, também estaria presente no verbo derivado (dilmar), da mesma forma que na forma de base (Dilma), já que esta seria o tema do verbo formado.

Olhando também para outros verbos denominativos, como “malufar” e “janger”, por exemplo, gostaríamos de destacar um caráter evenemencial fundamental neste percurso derivacional. Observemos o seguinte enunciado, retirado da coluna de Ricardo Setti na revista *Veja*:

¹ “Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante.” (GUIMARÃES, 2002, p.18)

Não existem muitas pessoas que podem dizer que há um verbo criado a partir de seu nome. Mas Paulo Maluf pode: ‘Malufar significa roubar dinheiro público’. (SETTI, 2014, online)²

Neste enunciado, podemos ver que o sentido de “malufar” anunciado pelo locutor-colunista se deve a acontecimentos anteriores, que metonimicamente são rememorados na definição que é produzida na cena enunciativa em tela, assim, entre o nome e o verbo, há um funcionamento eponímico. O ex-deputado e ex-prefeito Paulo Maluf sempre esteve sobre a investigação da Polícia Federal de São Paulo, e em 2014 foi acusado de corrupção passiva, improbidade administrativa, lavagem de dinheiro e diversos outros crimes envolvendo o pilhamento de dinheiro público, o que o conferiu o título, endossado pelo bordão: “foi Maluf que fez”, de político que “rouba, mas faz”. É este caráter pejorativo que é rememorado na derivação de Maluf para malufar, pois Maluf vira sinônimo de “político ladrão”, um epônimo então.

Desse modo, vemos que se de um lado a língua fornece as condições morfológicas para a formação do verbo, por outro, como propõem as abordagens enunciativas que adotamos, há um sujeito responsável pela derivação e pela constituição do sentido do verbo, que no momento que o enuncia é tomado por um memorável (GUIMARÃES, 2002, p.12), uma rememoração de outras enunciações, que metonimicamente seleciona alguma característica do personagem a quem refere o nome para designar o verbo derivado. Nesse sentido, a referencialidade entre o nome e o verbo não é direta, há um funcionamento eponímico que significa o nome próprio não como identificação de um indivíduo para o Estado, mas por algum traço marcado por outras enunciações: atos, fatos ou características do sujeito referenciado.

Para pensar os sentidos de dilmar, portanto, observamos o percurso entre o substantivo (Dilma) e o verbo derivado, da mesma forma que fizemos com “Maluf” e “malufar”, pois isto é fundamental para compreendermos a constituição dos sentidos deste tipo de verbo.

Além disso, Benveniste pondera que o traço essencial e próprio de um verbo denominativo está na relação “fazer...”³. Desse modo, dilmar seria “fazer X em relação à Dilma”, onde “fazer X” representa a ação definida em relação ao substantivo de base e o seu percurso eponímico. Logo, a estrutura e este funcionamento semântico garantem a estes verbos uma restrição, um traço particular entre as outras classes de derivados verbais.

Algo que também deve ser ressaltado sobre a formação de verbos do tipo “dilmar”, é que, quanto à direcionalidade, não se questiona qual é a forma de base. Os verbos denominativos derivados de nome próprio de pessoa, diferentemente da maioria dos verbos denominativos, apresentam como forma de base um nome próprio, sendo a direção “substantivo-verbo” a forma canônica de derivação, visto que encontramos em dilmar a marca explícita de acréscimo sufixal: -ar.

² SETTI, R. Senhor propinas. *Veja*, São Paulo, 13 set. 2014. Colunistas. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/disseram/senhor-propinas/>>. Acesso em: 25 dez. 2014.

³ Benveniste estabelece esta proposição em relação aos denominativos, em comparação aos verbos delocutivos, que estariam numa relação “dizer”. Isto pode ser conferido em: BENVENISTE, É. Verbos delocutivos. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. 5.ed. Campinas: Pontes, 2005[1966].

Segundo Basílio e Martins (2002, p.380), a “relação S/V apresenta problemas de análise morfológica no que tange à direcionalidade da formação quando não encontramos uma marca explícita de acréscimo sufixal”. Exemplos como “ajuda” e “sonho” seriam morfológicamente básicos ou deverbais? Eis uma questão que, segundo as autoras, a gramática tradicional tem tratado apenas do lado das formações deverbais, considerando tais substantivos como derivações regressivas, e utilizando critérios de motivação para a direcionalidade pouco confiáveis e até mesmo insuficientes.

No caso dos verbos derivados de nome próprio de pessoa, o funcionamento eponímico é muito claro. Há primeiramente um nome, Dilma, que identifica um indivíduo para o Estado e a sociedade, e então, por um funcionamento eponímico, como explicamos anteriormente, transpõe-se com o acréscimo do sufixo derivacional –a(r), um nome próprio em verbo.

Além disso, de acordo com a direcionalidade de formação deste tipo de verbo podemos hipoteticamente estabelecer uma maior previsibilidade de sentidos, o que também é um problema a ser enfrentado pelos demais verbos denominativos.

Enfim, segundo Bréal (2008, p.125):

Quanto mais a palavra se distancia de suas origens, mais está a serviço do pensamento: segundo as experiências que fazemos, ela se restringe ou estende, se especifica ou generaliza. Acompanha o objeto ao qual serve de etiqueta através dos acontecimentos da história, subindo em dignidade ou descendo na opinião, e passando algumas vezes ao oposto da aceção inicial. Quanto mais apta a esses diferentes papéis, mais se tornou completamente signo.

Considerando o que coloca Bréal, podemos dizer, então, que os verbos denominativos derivados de nome próprio efetuam-se sobre a pressão de certas necessidades lexicais: deve-se à importância deste nome em uma cultura. Há um movimento eponímico e ao mesmo tempo derivacional que faz com que este verbo, mesmo apresentando como tema um nome próprio, ao estar a serviço do pensamento e à disposição dos falantes, tenha um funcionamento próprio de sentido, o que verificaremos em análise na nossa próxima seção.

Dilmar e o funcionamento semântico-enunciativo dos sentidos

No que se refere ao funcionamento de sentidos de uma forma linguística, Benveniste admite um único princípio: “o ‘sentido’ de uma forma linguística se define pela totalidade dos seus empregos, pela sua distribuição e pelos tipos de ligações resultantes” (2005, p.320). Assim, considerando o verbo dilmar, trilharemos um percurso em que apresentaremos alguns exemplos de emprego do verbo em contextos em que seja possível entender a significação do verbo, o seu sentido.

Desse modo, com o intuito de ressaltar a distribuição e as capacidades combinatórias de um “sentido” para dilmar, formalizaremos, quando possível, as definições em uma fórmula que se baseia em dois princípios já explicitados: 1º) o traço essencial de um verbo denominativo está na relação “fazer...” (BENVENISTE, 2005, p.315); 2º) o percurso eponímico entre o nome derivante, o substantivo de base, e o derivado, o verbo, denota um papel importante na relação fazer imposta por este tipo de verbo. Desse modo, temos:

dilmar = fazer X (Dilma)

Nesta fórmula “fazer X (Dilma)” corresponde ao sentido total revelado pelo contexto de uso, “X” é o elemento responsável pela variável de sentido, e “fazer X” pode ser substituído por outro verbo que corresponda a uma relação do tipo “fazer...” ou que apresente a acionalidade marcada pelo verbo. Além disso, observaremos a possibilidade de inserção de outros elementos linguísticos à fórmula, tais como preposições, e a possibilidade de subtração do nome próprio em alguns empregos, o que atesta o funcionamento eponímico no processo de derivação de substantivo a verbo.

Enfim, examinemos um primeiro conjunto de empregos, no qual recortamos os títulos e alguns fragmentos de textos veiculados em meios eletrônicos:

a.1. O dia em que a Veja ‘dilmou’

[...] A força que Veja pede aos seus leitores seja dada à 'tia' Dilma (é assim que costume trata-la no meu blog, sem nenhum desrespeito, muito pelo contrário, com carinho) me faz voltar ao passado [...] (GOMES, 2011)⁴

a.2. Le monde já dilmou

A ministra Dilma Rousseff já pode comemorar um apoio de pouco peso eleitoral, mas muito peso simbólico. O prestigioso jornal francês *Le Monde* acredita que a vitória de Dilma nas eleições do ano que vem seria positiva para a democracia brasileira e diz que ela tem a seu favor "a inteligência, força de trabalho e qualidade como administradora" [...] (MAGALHÃES, 2009)⁵

a.3. Dilmando na praia! Neste domingo

Vem pra praia! Vem lutar! É DOMINGO, É A PARTIR DAS 09h, É NO PORTO DA BARRA, é pra fazer a bandeira da #DilmaCoraçãoValente de canga e curtir um belo banho de sol! (MUDA MAIS, 2014)⁶

a.4. O Brasil dilmou

Pesquisas divulgadas hoje mostram mais avanço da presidenta Dilma, em todos os estados brasileiros [...] (ROSÁRIO, 2014)⁷

Ao considerarmos este conjunto de empregos do verbo dilmar, verificamos que um primeiro sentido para o verbo pode ser apresentado pelas formas:

dilmar = fazer campanha política a favor de Dilma

dilmar = apoiar Dilma

⁴ GOMES, T. O dia em que a Veja dilmou. *Carta capital*, nov. 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-dia-em-a-veja-dilmou>>. Acesso em 26 dez. 2014.

⁵ MAGALHÃES, L. A. Le monde já dilmou. *Entrelinhas*, abr. 2009. Disponível em: <<http://blogentrelinhas.blogspot.com.br/2009/04/le-monde-ja-dilmou.html>>. Acesso em 26 dez. 2014.

⁶ DILMANDO na praia! Neste domingo. *Muda mais*, out. 2014. Disponível em: <<http://www.mudamais.com/ocupe-politica/dilmando-na-praia-neste-domingo>>. Acesso em 18 out. 2014.

⁷ ROSÁRIO, M. *O cafezinho*, out. 2014. Disponível em: <<http://www.ocafezinho.com/2014/10/03/o-brasil-dilmou/>>. Acesso em 2 nov. 2014.

Ou seja, nestes exemplos, *dilmar* está sendo empregado no sentido de manifestar apoio à Dilma, ser simpatizante da candidata e estar de acordo com as suas propostas. Percebe-se já neste exemplo que além de apresentar uma relação do tipo “fazer...”, o tema do verbo é o nome de Dilma, e isto é um fator necessário para a definição e para o significado do verbo. O efeito de unicidade também se faz presente, visto que *dilmar* não significa apoiar qualquer pessoa com o nome de Dilma, mas uma em específico, a candidata à presidência.

Visto esse primeiro emprego, partamos então para um segundo conjunto de exemplos:

b.1. Posso até ‘*dilmar*’, diz Benjamin Steinbruch

“Não sei em quem vou votar ainda. Posso até ‘*dilmar*’. Desde que atendidas algumas mudanças” (RODRIGUES, 2014)⁸

b.2. “DILMOU: magoou a high society kkkkk” – (GLACÊ, 2014)⁹

Estes dois exemplos, além de nos mostrar uma nova acepção do termo, votar em Dilma Rousseff, representam o maior contexto de uso do verbo. Também em “*jangar*” e “*lular*”, o verbo teve por primeira acepção “votar em...”. O que pode ser representado pelas descrições:

<i>dilmar</i> = escolher Dilma

<i>dilmar</i> = votar em Dilma

Este é um exemplo de que a relação *fazer*, de certa forma, não se encaixa perfeitamente, pois “*fazer* escolha”, impede uma acionalidade e uma diretividade que são muito próprios do verbo, e que se encontra em “*escolher*” ou “*votar*”, o que também pode ser observado na fórmula “*apoiar* Dilma”, na qual “*fazer* apoio” causaria estranhamento, o que nos mostra que este não é um traço tão essencial do verbo, como propõe Benveniste.

Observemos, agora, um exemplo de texto circulado após a vitória de Dilma Rousseff nas eleições de 2014, via Twitter:

c.1. “Bom Dilma pra todos os Aécios infantis! Vamos passar o dia Dilmandogenteee!! #Bomdilha #Dilmando#AécioNever #DilmaNovamente Olê olê olê alá, dilmaaaaaaaaa, dilmaaaaaaaaa!” (comentário via twitter)¹⁰

Este exemplo nos mostra uma terceira acepção envolvendo como tema o nome de Dilma, assim, além de expressar apoio e votar, *dilmar* também foi utilizado no

⁸ RODRIGUES, F. Posso até ‘*dilmar*’, diz Benjamin Steinbruch. *UOL*, Brasília, nov. 2014. Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/09/29/posso-ate-dilmar-diz-benjamin-steinbruch.htm>>. Acesso em: 25 out. 2014.

⁹ GLACÊ, C. DILMOU: magoou a high society kkkkk. *O mestre de obras*, out. 2014. Disponível em: <<http://www.omestredeobra.com/post/101136502759#notes>>. Acesso em 26 dez. 2014.

¹⁰ #Dilmando. *Twitter*, out. 2014. Disponível em: <<https://twitter.com/hashtag/dilmando>>. Acesso em: 30 out. 2014.

sentido de comemorar a vitória da candidata ou expressar alguma satisfação pela vitória, o que podemos representar por:

dilmar = fazer comemoração pela vitória de Dilma

dilmar = expressar satisfação pela vitória de Dilma

Para contrapor este sentido, outro uso do verbo que gostaríamos de ressaltar, e que diferentemente dos anteriores apresenta um caráter depreciativo é:

d.1. Surge um novo verbo na língua portuguesa:

dilmar:

Significado de dilmar:

v.i. Afirmar constantemente aquilo que se sabe ser falso, ou negar o que se sabe ser verdadeiro: mentir vergonhosamente de forma gaguejante e desordenada, usando frases sem sentido lógico, racional e gramatical, acreditando firmemente em sua própria mentira, achando piamente e de forma tola e irracional, que as pessoas possam levar essa mentira a sério por um único segundo. Tentar enganar, tentar iludir; tentar ludibriar sem o mínimo sucesso. (RELIGIÃO É VENENO, 2014)¹¹

Divergente das acepções anteriores, vemos, por este emprego de sentido, que dilmar também pode ser utilizado como mentir, errar, enganar, iludir, ter uma ação vergonhosa. Este exemplo nos mostra que o que se recorta como memorável para significar este verbo toma como base acontecimentos nos quais o nome da presidenta esteve envolvido e que sustentam este sentido pejorativo para o verbo. O que comprova que há realmente um percurso eponímico, pois aqui o efeito de unicidade dilui-se e o tema não apresenta uma função comparativa direta com o nome próprio, e também nos mostra que o percurso eponímico entre o nome próprio e o verbo derivado pode seguir diversos caminhos. Assim, temos:

dilmar = enganar, mentir (como a Dilma)

dilmar = fazer a coisa errada (como a Dilma)

Considerando a configuração da cena enunciativa dos recortes selecionados até o momento, notamos que existem Locutores que falam de lugares sociais específicos¹² (jornalista, blogueiro, simpatizante, opositor etc.), e que são esses lugares sociais que predicam estes sujeitos e os quais permitem dizer o que dizem e do modo como dizem. Desta forma, não temos como tratar a enunciação deste verbo denominativo sem que isto seja feito historicamente, pois a diferença de sentido entre os Locutores se dá pelo

¹¹ Surge um novo verbo na língua portuguesa. *Religião é veneno*, out. 2014. Disponível em: <<http://religioeveneno.org/discussion/2604/surge-um-novo-verbo-na-lingua-portuguesa>>. Acesso em: 3 jan. 2015.

¹² O conceito de lugar social foi estabelecido por Guimarães (2002, p.24), e é a categoria responsável na cena enunciativa em predicar o Locutor e garantir com que este se dê como tal.

contato entre língua e ideologia, e produz movimentos eponímicos significativamente distintos, pois a língua funciona na medida em que um indivíduo ocupa uma posição no acontecimento, e o sentido da forma é a representação do real que este traz.

Segundo Basílio e Martins (2002, p.386), entre os oponentes políticos de João Goulart (Jango), sobretudo os da antiga UDN, o verbo jangar era usado como sinônimo de roubar, como em “jangaram minha carteira”, algo muito parecido com o que observamos com o verbo “malufar” no início do artigo. Isso nos mostra que o locutor, como pondera Benveniste, está em primeiro lugar como parâmetro nas condições necessárias da enunciação (2006, p.87). “O locutor, desta forma, se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro” (BENVENISTE, 2006, p.84). Este aspecto esteve presente em todos os casos apresentados ao verbo dilmar, o que nos mostra o quanto o sujeito que enuncia é fundamental não só na propagação de uma forma da língua, como também para a construção dos seus sentidos.

Por fim, temos um quinto conjunto de exemplos:

- e.1. Lindo, maravilhoso, o Brasil Dilmou de vez (comentário retirado de blog).¹³
- e.2. ATENÇÃO, grande advogado, JORGE BÉJA! Para que NÃO pensem que estou dilmando, peço-lhe o favor de explicar, com sua argúcia jurídica habitual, o tamanho da absurdidade desse ato. Viva a imparcialidade! Viva a verdadeira Democracia! VIVA A VERGONHA NA CARA!¹⁴

Como podemos depreender deste exemplo, uma quinta acepção de dilmar, diferentemente do que se dispõe em (d), denota um emprego apreciativo do verbo, e que significa praticar qualquer ação corajosa, ousada, bem-sucedida, revolucionária ou combativa a desigualdades. Desse modo, temos:

dilmar = fazer algo revolucionário (como a Dilma)

dilmar = fazer a coisa certa (como a Dilma)

A partir deste emprego, podemos, mais uma vez, verificar o efeito eponímico deste tipo de derivação, pois o efeito de unicidade diluiu-se e o nome próprio não apresenta necessariamente uma função *diretamente* comparativa e representativa no sentido do verbo. Mesmo assim, percebe-se que em sua maioria os locutores que fazem este uso do verbo são simpatizantes de Dilma.

Enfim, considerando os empregos de dilmar dispostos em nossa análise podemos estabelecer que: a) relações do tipo “fazer...” não se fizeram presentes em todos os exemplos, e apresentaram perífrases com outros verbos, o que nos mostra que este não é um traço sinalético deste tipo de formação lexical, como postulou Benveniste, pois em alguns casos a fórmula com o verbo fazer ou causava estranhamento ou impedia a

Comentário retirado do blog *O cafezinho*, out. 2014. Disponível em: <<http://www.ocafezinho.com/2014/10/03/o-brasil-dilmou/>>. Acesso em 2 nov. 2014

¹⁴ Comentário in: NEWTON, C. Aécio massacra Dilma no primeiro debate na TV. *Tribuna da Internet*, out. 2014. Disponível em: <<http://tribunadainternet.com.br/aecio-massacra-dilma-no-primeiro-debate-na-tv/>>. Acesso em: 16 dez. 2014.

acionalidade imperante do verbo; b) na maioria dos exemplos analisados, a base, o nome próprio, é interpretada como tema, dada a centralidade desta na estrutura definicional, no entanto, verificar o percurso eponímico entre o nome próprio e o verbo derivado foi um aspecto fundamental para compreendermos o funcionamento dos sentidos de dilmar, pois este se faz presente em todos os casos de derivação denominativa, até mesmo quando seu uso não instituiu uma relação direta com o nome próprio, como no caso de (d.1) e (e.2); c) o lugar social do locutor, se simpatizante de Dilma ou de opositor, exerce um papel importante no funcionamento do sentido do verbo, determinando se este é de natureza apreciativa ou depreciativa. Desta forma, a propriedade do nome que reside no verbo, nestes casos, depende do consentimento dos sujeitos, o que também nos permite ver a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem.

Considerações finais

Então, tendo em vista as variantes de sentido que dilmar pode apresentar, concluímos que as questões semânticas só podem ser definidas considerando-se efetivamente uma descrição dos empregos das formas, pois são estes os responsáveis pela definição de um sentido para o verbo. Assim, uma análise da significação é sempre uma análise das relações, nas quais o que nos interessa observar não é a soma, mas sim o funcionamento de diferentes variáveis de sentido, o que só pode ser evidenciado pelo modo de análise que fizemos, no exercício da linguagem e na produção do discurso.

REFERÊNCIAS

- BASÍLIO, M.; MARTINS, H. “Verbos denominais no português falado”. In: KOCH, I. V. (Org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. VI: Desenvolvimentos. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 377-396.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de M. G. Novak e M. L. Neri. 5.ed.Campinas: Pontes, 2005 [1966]. 387 p.
- _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de E. Guimarães et al. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006 [1974]. 294 p.
- BRÉAL, M. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*. Tradução de E. Guimarães. 2. ed. Campinas: RG, 2008. 223 p.
- GUIMARÃES, E. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002. 96 p.
- HENRIQUES, C. C. “Relação entre neologia, eponímia e antroponímia”. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Orgs.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Vol. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p.43-51.

Recebido em: 04/09/2015

Aprovado em: 13/06/2016